

NO PRELO

Meggan Haller/The New York Times



BIBLIOTECA NOS EUA: editora quer limite de 26 leituras por e-book

Boicote à HarperCollins

• Bibliotecas americanas iniciaram uma campanha de boicote a livros da megaeditora HarperCollins, em resposta à decisão da empresa de estabelecer um limite de 26 empréstimos para as versões digitais de seus títulos. Na semana passada, a editora anunciou um novo modelo de venda de e-books para bibliotecas, no qual cada título digital só poderá ser lido 26 vezes. Depois disso, as bibliotecas terão que recomprar a licença para manter o livro em seu catálogo. A medida pretende estabelecer para os e-books, por contrato, um limite de uso que no caso dos livros impressos ocorre naturalmente, devido ao desgaste que obriga as bibliotecas a reporem periodicamente seus exemplares. As bibliotecas, no entanto, dizem que 26 é um número baixo e provocará um aumento excessivo em seus gastos.

Ensaio pessoal

• A nova edição da "Serrate", revista publicada pelo Instituto Moreira Salles, chega às bancas segunda-feira trazendo um texto extraído do livro "Dyer, Working the Room", coletânea de ensaios do britânico Geoff Dyer ainda inédita no Brasil. "Sobre ser filho único" pertence ao gênero do ensaio pessoal, que será tema das palestras que o escritor fará no Brasil durante o lançamento da revista — dia 29 de março no IMS do Rio e dia 31 no IMS de São Paulo.

• **MONODRAMA:** O livro "Monodrama", do poeta Carlito Azevedo, curador da risco, página mensal de poesia aqui no Prosa, será publicado no segundo semestre na Argentina pela editora Corregidor.

• **IMAGENS DA BIOPOLÍTICA:** O Centro Cultural da Justiça Federal abriga de quarta a domingo o evento "Imagens da biopolítica: vozes de Latinoamérica" (Rio Branco 241), com filmes e debates sobre as ditaduras do Cone Sul. Mais informações e inscrições no blog <www.imagens-da-biopolitica.blogspot.com>.

• **LABORATÓRIO DE CONTOS:** O Midrash Centro Cultural está com inscrições abertas para o Laboratório de Contos, com a escritora Tatiana Salem Levy, que começa nessa quarta-feira. Informações: 2239-2222 ou <www.midrash.org.br>.

Mánya Millen e Miguel Conde

NO PROSA ONLINE

• Na segunda-feira o blog publica uma resenha de "Vergonha" (Companhia das Letras, tradução de José Rubens Siqueira), de Salman Rushdie, por Giovanna Dealtry.

www.oglobo.com.br/blogs/prosa

[ESPECIAL][ESPECIAL][ESPECIAL]

Uma segunda resposta 'cordial'

Gumbrecht examina distinção de Andrea Daher entre sentido e significação

Hans Ulrich Gumbrecht

A etimologia talvez me ajude a explicar minha reação quando no sábado passado, diante da tela de meu computador, li a réplica de Andrea Daher (publicada no Prosa & Verso) à minha resposta à sua resenha da tradução brasileira do meu "Produção de presença" (em tantos níveis!): senti um tom mais simpático, um tom e um gesto mais próximos e mais abertos a minhas posições — o que não exclui a possibilidade de que sucedam incompreensões ou mesmo desleitura (intencionais ou não). Amizade, por certo, nem pensar. De fato, é possível que o efeito da interferência das três línguas em jogo (português, inglês e francês) tenha impedido que, em minha resposta anterior, haja compreendido que Andrea usava a palavra "sentido" numa acepção distinta de "significação". Ainda não estou certo se compreendo. Mas tenho a impressão que, com essa palavra e conceito, ela se refere a uma dimensão da existência que eu chamo de "vivência" (do alemão "Erleben"), uma noção amplamente usada na tradição fenomenológica ou, para a qual, em maior proximidade de teorias mais recentes ou, especialmente, de um livro sobre este tópico da autoria do eminente teórico da literatura Wolfgang Iser, também uso o termo "imaginação".

Embora "vivência" e "imaginação" não sejam sinônimos — e suponho que, nessa direção, sejam similares a "sentido" — parecem próximos de um nível primário (ou antes diria elementar) de percepção do mundo, em que os conceitos ainda não foram projetados no que está sendo percebido; nível também em que a estabilidade e o "contorno" da significação ainda não se aplicam. Se Andrea Daher e eu pudermos concordar na descrição do nível que visamos, então por certo teremos progredido, ao menos no esforço de nos apresentarmos de um modo mais transparente.

Ela pode então surpreender-se em que eu concorde com sua posição acerca dos conceitos de "imediatez" e "substância". Nem um, nem outro jamais podem nos ser completamente disponíveis — e essa é a razão por que, se estou usando esses conceitos, faço-o de uma maneira "liminar", ou seja, para marcar um extremo ou o ponto final de um leque de possibilidades conceituais. Sobre esse leque de possibilidades, creio que o que ela chama de "sentido" e que eu chamo de "vivência" ou "imaginação", pode estar mais próximo do lado da "imediatez" e da "substância" do que, por



exemplo, do conceito de "significação". Mas isso de fato não significa que qualquer tipo de percepção do mundo possa jamais tornar-se disponível de maneira "plenamente" imediata ou "plenamente" substancial. Nossa divergência, portanto, pode resultar de escolhermos duas estratégias epistemológicas diversas. Admito que tenho a tendência (e, com frequência, gosto dela) de experimentar e trazer de volta ao jogo intelectual certos conceitos que foram eliminados ou bloqueados por um tabu intelectual (como "imediatez", "substância", "ontologia"). Se o tenho feito, como disse, é com o propósito estratégico de abrir um leque de possibilidades e não de modo a pretender que tais posições extremas jamais possam ser reais.

Experiência estética não se esgota na significação

É de lamentar que esta impressão de alguma convergência ainda se acompanhe e seja permeada pelo que considero incompreensões quase grotescas de Andrea Daher, a propósito de minhas leituras e interpretações de certos fenômenos e posições históricas. Por exemplo, não estou minimamente interessado (como ela parece supor) em quaisquer "representações retóricas" dos fenômenos de presença na cultura medieval (e por que deveria estar?), senão que em conceitos teológicos como o de "transubstanciação", passíveis de serem lidos

como sintomas de uma relação profundamente diferente da cultura medieval com fenômenos de "presença". É certo que vejo a obra de Maquiavel como representativa de um estágio preliminar em um novo tipo de reflexão, que deixava atrás de si certos hábitos da cultura medieval. Faço-o, porém, sem atribuição de valor. Por fim, a despeito de um alto grau de admiração, discordo precisamente do tipo de estética filosófica desenvolvida por meu colega alemão Martin Seel — sobretudo porque sua concepção da experiência estética é, para meu gosto, demasiado "hermenêutica".

Isso me leva a um ponto em que a divergência não decorre de alguma incompreensão senão que de um desacordo profundo. Se bem a compreendo, ela participa de uma certa "reserva" (para mim, bastante tradicional) relativa à legitimação da experiência estética, que considera (outra vez: se bem a compreendo) "demasiado subjetiva". De minha parte, isso não me preocupa. Procuro descrever como "experiência estética" qualquer experiência que oscile entre efeitos de significado (no sentido de "significação") e "efeitos de presença" (qualquer experiência que não se esgote na significação, como tem-se tornado típico da cultura atual). Tome-se como exemplo elementar a leitura de um poema. De acordo com minha proposta de definição, essa leitura penetra na dimensão da "experiência es-

tética" tão logo a atenção do leitor deixa de se concentrar na significação do texto e passa a oscilar com sua atenção sobre suas qualidades tonais (ou sua configuração visual).

Enquanto posso imaginar que Andrea Daher e eu, com muito tempo e paciência, poderíamos concordar com uma definição da "experiência estética" (ou talvez "concordássemos em discordar"), sua resistência, (para não dizer fobia) quanto ao conceito e fenômeno de "amizade" permanece enigmática para mim. Por que, por exemplo, lhe é tão importante insistir que Michel Serres (por sinal, meu colega em Stanford) é bem conhecido por ela por sua obra e sua personalidade, "sem ser um amigo"? Por que, em sua resenha de meu livro, Andrea Daher tem uma resistência tão forte ante minha menção ocasional a autores que são importantes para mim (também) como amigos? Suponho que, para ela, aí esteja uma posição e uma referência normativas, relacionadas à filosofia francesa do fim do século XX (que algumas vezes mostra uma estranha tendência em transformar reivindicações epistemológicas em prescrições éticas *de facto*). Ou imagina ela que "amizade" é uma dimensão exclusivamente masculina de interação? Ou, por fim, "amizade" é, para ela, a versão internacional do que, na cultura brasileira, é chamada de "cordialidade"?

Talvez seja hora de nos encontrarmos para um café

Tendo, de fato, estado com frequência no Brasil nas últimas décadas, não escapou de minha atenção que, ao falar da "cordialidade" por mim referida em minha reação à sua resenha, Andrea Daher, foi, no melhor dos casos, ambígua (ou venenosa) em sua descrição de meu tom. Sei que "cordialidade", na história cultural do Brasil, tem todos os tipos de conotação negativa, começando por ser "demasiado macho", através de "demasiado burguês", até quase "racista". Naturalmente, não quero ser nada dessa ordem, e ousaria afirmar que nenhum desses conceitos se ajusta (ao menos) ao meu trabalho. Mas, se ainda se puder falar de "amizade", seria mais fácil para mim articular o que gostaria de propor no fim de nossa discussão — não mais tão agressiva. Talvez seja hora para Andrea Daher e eu nos encontrarmos para um café ou um drink. E se, como quase chego a esperar, suceder que nossa discussão se converta num prazer intelectual, prometo não a chamar de discussão "fraterna". ■

HANS ULRICH GUMBRECHT é filósofo. Tradução de Luiz Costa Lima

O GLOBO

EDITORA: Mánya Millen — mmi@oglobo.com.br
 EDITOR ASSISTENTE: Miguel Conde — miguel.conde@oglobo.com.br
 REPÓRTER: Guilherme Freitas — guilherme.freitas@oglobo.com.br
 DIAGRAMAÇÃO: Cristina Flegner
 Telefones/Redação: 2534-5616 e 2534-5650
 Publicidade: 2534-4310 (publicidade@oglobo.com.br)
 Correspondência: Rua Iníreu Marinho 35 — 2º andar. CEP: 20233-900

PROSA & VERSO

CLASSIFICADOS DO RIO
 2534-4333
 www.classificados.oglobo.com.br

OGLOBO
 EXTRA
 zap

Academia Brasileira de Letras



APRESENTAM: CICLO DE CONFERÊNCIAS

GENÊROS LITERÁRIOS: UM OLHAR ATUAL

Coordenação: Acad. Ivan Junqueira

Terça-feira | 15 de março | 17h30min
"A desconstrução dos gêneros"
 Conferencista: Acad. Eduardo Portella

Terça-feira | 22 de março | 17h30min
"O gênero policial no Brasil de hoje"
 Conferencista: Flávio Moreira da Costa

Terça-feira | 29 de março | 17h30min
"Na fimbria do fantástico"
 Conferencista: Carlos Emílio Corrêa Lima

Terça-feira | 5 de abril | 17h30min
"Onde se apagam as fronteiras"
 Conferencista: Sílvia Santiago

Theatro R. Magalhães Jr.:
 Av. Presidente Wilson, 233
 (21) 3674-2580
 www.academia.org.br

Diretoria 2011:
 Presidente: Marcos Vinícius Vilaga
 Secretário-Geral: Ana Maria Machado
 1º Secretário: Donício Proença Filho
 2º Secretário: Murilo Melo Filho
 Tesoureiro: Geraldo Holanda Cavalcanti



ENTRADA FRANCA

CHRISTOPHER HITCHENS
 NITCH-22
 A HISTÓRIA DE UM DOS INTELLECTUAIS MAIS ADMIRADOS E CONTRÓVERSOS DE NOSSO TEMPO



AS MEMÓRIAS DE UM DOS JORNALISTAS MAIS POLÊMICOS DO SÉCULO XX

Chega ao Brasil a aguardada autobiografia do controverso jornalista Christopher Hitchens. Ateu praticante, defensor da Guerra do Iraque e crítico feroz do trabalho de Madre Teresa, Hitchens coleciona partidários e inimigos, mantendo sempre seu espírito controverso que fascina os leitores de todo o mundo.

